

Visão em paralaxe da contemporaneidade pela Psicologia Social Crítica

Parallax view of contemporaneity by the Critical Social Psychology

Mateus Pranzetti Paul Gruda

Resumo

Este texto trata-se de uma resenha do livro *Psicologia Social Crítica: paralaxes do contemporâneo*, obra organizada por Aluísio Ferreira de Lima e publicada no ano de 2012. Nesta compilação estão reunidos ensaios e pesquisas realizados, sobretudo, por integrantes do grupo *PARALAXE: Grupo Interdisciplinar de Estudos, Pesquisas e Intervenções em Psicologia Social Crítica*, o qual é liderado pelo organizador da obra e está vinculado a Universidade Federal do Ceará. Como consta na própria apresentação de Lima, o principal fio condutor dos textos presentes no livro é a ideia de paralaxe, a qual aponta que a mudança de perspectiva sobre um fenômeno promove diferentes formas de visualizá-lo, entendê-lo e apreendê-lo. Assim, ao longo dos capítulos há a discussão e apresentação de visões diversas relacionadas com preocupações e temáticas contemporâneas (gênero, envelhecimento e migração), bem como conceitos relevantes e inerentes (identidade, reconhecimento) a uma Psicologia que se pretende Social e Crítica.

Palavras-chave

Psicologia Social Crítica; identidade; contemporaneidade.

Abstract

*This text is a review of the book *Psicologia Social Crítica: paralaxes do contemporâneo*, which is organized by Aluísio Ferreira de Lima and published in 2012. On this compilation are reunited essays and researches made for members of *PARALAXE: Grupo Interdisciplinar de Estudos, Pesquisas e Intervenções em Psicologia Social Crítica*, which is led by the organizer of the book and is bound with the Universidade Federal do Ceará. As the presentation of the manuscript says, the main idea through the whole book is the parallax idea, that means when the perspective about something is changed, the possibilities of view and understand it are also changed becoming amplified, thereby along the chapters there are the discussion and presentation of several views related to contemporary concerns and thematic (genre, aging and immigration), as well as relevant and inherent concepts (identity, recognition) for a Psychology which intends to be Social and Critical.*

Keywords

Critical Social Psychology; identity; contemporaneity.

Mateus Pranzetti Paul Gruda

UNESP/Assis

Doutorando em Psicologia pelo programa de Pós Graduação em Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Assis. Bolsista de doutorado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

mateusbeatle@hotmail.com

A obra que aqui resenhamos é a seguinte: *Psicologia Social Crítica: paralaxes do contemporâneo*, a qual foi organizada por Aluísio Ferreira de Lima e publicada no ano de 2012 pela editora Sulina. Nesta compilação de ensaios, temos, nas próprias palavras do organizador ao nos apresentar a obra, “[...] o primeiro [livro] a ser publicado como produto do PARALAXE: Grupo interdisciplinar de estudos, pesquisas e intervenções em Psicologia Social Crítica” (LIMA, 2012, p. 7). E como um primeiro apontamento prévio, vale salientarmos que o compêndio cumpre com a função de divulgar algumas das investigações e discussões que são travadas no âmbito do citado grupo de pesquisa, pois, embora os capítulos não estejam reunidos explicitamente em temáticas gerais e, segundo Lima, não pretendam concordar entre si, é notável a presença de um fio condutor que perpassa cada capítulo, o que tanto caracteriza uma afinidade de grupo, como igualmente possibilita ao autor e organizado da obra atentar para o fato de que:

[...] mesmo com algumas divergências teóricas e metodológicas entre si, os diferentes autores deste trabalho acreditam ser o objetivo da Psicologia Social criticar o planejamento de tecnologias de manutenção do estado de exceção, no qual o dissonante, a pobreza, a fome, o descontentamento são ao mesmo tempo excluídos e capturados sob novas formas de dominação, mas sutis e alinhados aos ditames capitalistas (LIMA, 2012, p. 8).

Outro apontamento que compreendemos necessário antes de procedermos a uma observação panorâmica de cada capítulo particular do livro, é tecer algumas considerações sobre a ideia de paralaxe. O filósofo esloveno Slavoj Žižek (2006, 2008), admitindo estar em dívida para com a obra *Transcritique On Kant and Marx* do filósofo japonês Kojin Karatani da qual sacou o supracitado termo, utilizou largamente não somente a palavra em si, como igualmente a ideia de uma visão em paralaxe em uma de suas muitas obras, a que inclusive leva o epíteto de: *A visão em Paralaxe* (ŽIŽEK, 2008). De modo sintético, para o esloveno a paralaxe significa a possibilidade múltipla de se ver, compreender e descrever os mesmos objetos ou fenômenos conforme perspectivas distintas de observação, de compreensão e de descrição, enquanto, concomitantemente, se trata da impossibilidade de se apreender determinados “[...] fenômenos mutuamente intraduzíveis e que só podem ser compreendidos a partir de uma espécie de visão em paralaxe de um ponto de vista sempre mutável entre dois pontos entre os quais não há síntese nem mediação possível” (ŽIŽEK, 2008, p. 14). Realizadas tais notas prévias, iniciamos nosso breve passeio pelos capítulos de *Psicologia Social Crítica: paralaxes do contemporâneo*.

Em um primeiro, por assim dizer, bloco de textos, o qual engloba os capítulos de 1 a 3 (*Metamorfose humana em busca de emancipação: a identidade na perspectiva da Psicologia Social Crítica* de Aluísio Ferreira de Lima e Antonio da Costa Ciampa; *Implicações da concepção pragmatista de linguagem para os estudos de identidade e reconhecimento na perspectiva da Psicologia Social Crítica* de José Umbelino Gonçalves Neto e Aluísio Ferreira de Lima; e *A Teoria Crítica de Axel Honneth: uma (breve) discussão sobre a Teoria do Reconhecimento e seus desdobramentos* de Aluísio Ferreira de Lima e Meire Silva de Lima), temos como temáticas centrais as questões ligadas à identidade e ao reconhecimento. Embora com particularidades na abordagem e discussões suscitadas, tais capítulos se norteiam pelas: concepções de identidade enquanto metamorfose propostas na década de 1980 por Antonio da Costa Ciampa e atualizadas por Aluísio Ferreira de Lima nos anos 2000; as ideias referentes à Teoria da Ação Comunicativa, em que há a colonização do mundo da vida pela razão sistêmica, de Jürgen Habermas; e apontamentos acerca da versão materialista da teoria do reconhecimento proposta pelo psicólogo social George Herbert Mead.

Comentando panoramicamente estes primeiros textos, no capítulo de número 1 da obra temos a apresentação da ideia de identidade como metamorfose, atentando para a construção social, portanto pelo olhar do outro, da identidade e pela falsa “aparência de permanência” desta. Os autores do capítulo indicam que tal discussão é fundamental para uma Psicologia Social Crítica, pois através dessa é possível denunciar “as formas de opressão individual/coletiva e as práticas de reconhecimento perverso.” (LIMA, 2012, p. 25). No capítulo 2, há um aprofundamento na questão de como a linguagem influi na construção da identidade e no reconhecimento, sobretudo, por conta da visão realista de mundo segundo a qual há a pressuposição de que a linguagem representa a realidade, embora a partir de Wittgenstein a perspectiva de que a linguagem é uma atividade humana, destarte construída e situada sócio-historicamente. Assim sendo, nomear é enquadrar, determinar e, em última instância, controlar. Finalizando este primeiro bloco de textos, no capítulo de número 3, o foco é o filósofo da Teoria Crítica Axel Honneth e sua atualização da teoria do reconhecimento, na qual Honneth recoloca a noção de *conflicto social* como preocupação central para a Teoria Crítica. Deste modo, “isso leva a Honneth a propor a tese de que a crítica deve ser direcionada para as formas de reconhecimento. Para tanto, faz um retorno a Hegel e uma apropriação da teoria da subjetividade de Mead” (LIMA, 2012, p. 57).

Noutro ajuntamento temático, nos quais estariam englobados os capítulos de número 4, 5, 6 e 11 (respectivamente intitulados: *A compreensão do sintagma identidade-metamorfose-emancipação por intermédio das narrativas de história de vida: uma discussão sobre o método* de Mariana Serafim Xavier Antunes; *As demandas feministas e a Lei Maria da Penha: notas sobre a resposta instrumental para reivindicações sociais, o uso da violência ética os limites da narratividade* de Maria da Glória dos Santos Ribeiro e Aluísio Ferreira de Lima; *Entre o ‘Agrado’ e a ‘Prudência’, a identidade em questão: contribuições desde e para uma Psicologia Social Crítica no campo LGBT* de Paribanú Freitas; e *A emoção na dança e a coerção do papel de avó: considerações sobre a velhice feminina* de Francisca Denise Silva do Nascimento), temos discussões permeadas pelo ponto central que perpassa a obra como um todo (os conceitos e ideias de identidade e de reconhecimento), porém voltadas para questões de gênero. No quarto capítulo, a autora retoma as ideias de identidade enquanto metamorfose, adentrando no sintagma identidade-metamorfose-emancipação proposto por Antonio Ciampa, para em seguida dissertar sobre o método “história de vida” utilizado pela autora na discussão do significado social para o fenômeno crescente das mulheres adultas solteiras. No capítulo 5, a autora e o autor enveredam por apresentar diferentes concepções acerca da categoria gênero – debruçando-se, sobretudo, na chamada teoria *Queer* –, para em seguida radiografar a criação da Lei Maria da Penha e a implementação das delegacias da mulher e, por fim, discutirem a dicotomia rasa homens agressores/mulheres agredidas, propondo se pensar a violência contra as mulheres como um construto complexo, no qual as agressões perpetradas pelos companheiros e maridos e a exigência de punição pelo aparato jurídico são apenas alguns dos aspectos que constitui algo mais amplificado, a violência de gênero. O sexto capítulo tece uma articulação entre os estudos de gênero e a Psicologia Social Crítica, procurando refletir e problematizar sobre a perspectiva pós-identitária proposta por Judith Butler e sobre as ideias de uma sociedade contra-sexual contidas no *Manifesto contra-sexual* de Beatriz Preciado, chamando atenção para as dificuldades subjacentes a ideia de *Queer* e de identificações contra hegemônicas que podem se constituir em novas hegemônias igualmente aprisionadoras e moduladas pela ordem capitalista, individualista e hedonista vigente. Encerrando este segundo bloco, temos no capítulo 11 o entrecruzamento de reflexões e apontamentos acerca da velhice na atualidade com entrevistas realizadas pela autora do texto, nas quais

interrogou mulheres idosas que dançam em bailes da terceira idade na cidade de Fortaleza no Ceará, abordando com estas senhoras diversos dos temas suscitados pela condição do envelhecimento, porém perseguindo uma perspectiva feminina frente a estes.

A mobilidade e as relações com o território são os assuntos tratados nos capítulos 7, 9 e 12 (*Território e identidade em Cabo Verde: um debate sobre a (frágil) construção identitária em contextos recém-independentes no mundo globalizado* de Andréia Moassab; *Questões à Psicologia Social a partir de experiências em comunidades ribeirinhas amazônicas* de Marcelo Gustavo Aguilar Calegare; e *Estrondo e Candombe em Madri: negociações identitárias no território do outro* de Karina Boggio). O sétimo capítulo discute a colonização através do processo de globalização pelas vias da transformação do território em “mercadoria estratégica” (LIMA, 2012, p, 147), seja pelo turismo internacional, seja através das modificações arquitetônicas deletérias que descaracterizam o espaço dos países menos desenvolvidos para se adequarem ao padrão idealizado de como um lugar turístico deva ser, o que implica no enfraquecimento identitário daquilo que é local e no processo de exaltação exacerbada por aquilo que é “de fora”, tomando como exemplo a realidade vivenciada em Cabo Verde. No capítulo nono, o autor elenca questões envolvendo o chamado desenvolvimento sustentável e suas implicações no contexto plural e complexo da região amazônica, para em seguida refletir sobre os desafios nas pesquisas, intervenções e inserções possíveis da Psicologia Social e/ou Comunitária no interior das comunidades ribeirinhas, apontando que se faz necessário adaptar e remodelar as teorias existentes para que se coadunem a tais situações, bem como ampliar “as fronteiras disciplinares” (LIMA, 2012, p. 210) da própria Psicologia. Já no capítulo de número 12, a discussão se centra na construção da identidade do imigrante que está em solo do *outro*, pegando o caso da comunidade uruguaia residente na cidade espanhola de Madri. Entretanto, a autora inicialmente já afirma não ter pretendido esquadrihar e definir qual é a identidade do grupo estudado, uma vez que a identidade é algo em metamorfose e em movimento contínuo. O texto igualmente repercute as questões suscitadas pela presença do imigrante (festividade multicultural capitalizada, xenofobia, dentre outras).

Finalmente, temos um agrupamento de capítulos relativamente mais heterogêneo entre si, o qual trata basicamente de questões ligadas às políticas públicas e a estrutura ideológica do capitalismo. Este último bloco é composto pelos capítulos de número 8, 10 e 13 (*As políticas públicas e a administração identitária e de seus usuários: uma análise na perspectiva da Psicologia Social Crítica* de Renato Ferreira de Souza; *“Quanto custa o (não) saber sobre as tramas ideológicas do capitalismo?”* de Nadir Lara Junior; e *Ciladas da autonomia: uma análise das governabilidades contemporâneas* de Pablo Severiano Benevides e Maria de Fátima Vieira Severiano). O capítulo 8 versa sobre as implicações éticas e políticas de uma Psicologia tradicional, que se alia ao *status quo* para melhor fazer funcionar o modo de produção capitalista ao promover caracterizações psicologizantes de déficit psicossocial nos chamados excluídos, contrapondo a esta perspectiva a Psicologia comunitária e social de cunho crítico. No décimo capítulo, o autor retoma a ideia da importância de se estudar o conceito de ideologia para se vislumbrar outras possibilidades de existência para além do modelo consolidado pelo modo de produção capitalista, para tal discute ideias de Žižek com relação à transmutação das mentiras em discursos verdadeiros e de Lacan com relação aos quatro tipos de discursos propostos por este autor, enfocando no discurso do mestre, no qual, em linhas muito genéricas, através de mecanismos específicos o mestre consegue exercer o domínio sobre os escravos, que mesmo sabendo de sua condição de explorados permanecem submissos a ordem desigual imposta. Por fim, no capítulo 13, a autora e o autor desenvolvem uma reflexão sobre a incensada autonomia, tida “[...] como [a] forma ideal de subjetivação” (LIMA, 2012, p. 297) na

atualidade, clivando-a entre o entendimento dos teóricos da Teoria Crítica e a concepção neoliberal – para os autores do capítulo, a autonomia perpetuada pela visão neoliberal deve ser compreendida como uma “pseudoautonomia”. Para tal, discutem a ideia de individualidade e de sociedade de massa, para em seguida adentrarem no contexto das sociedades pós-modernas e hiperindividualistas.

A relevância para a Psicologia Social brasileira de uma obra como esta que estamos resenhando, se demonstra na tentativa de, mais do que reproduzir reflexões e modelos previamente construídos por autores e correntes de pensamento estrangeiras, se produzir material teórico e discussões frutificadas e inseridas nos diferentes contextos sócio-históricos nacionais e/ou latino americanos. Afirmação com a qual não tencionamos defender um pensamento ufanista tolo, pois, ao contrário disto, seguindo uma tradição antropofágica já planeada pelos próprios índios que aqui habitavam antes da chegada dos europeus, incorporamos sim os referenciais teórico-metodológicos estadunidenses e, principalmente, europeus, contudo à nossa maneira, o que implica fatalmente na produção de algo que possa vir a fazer tanto sentido quanto aquilo que fora pensado longe e em outros contextos histórico-culturais. E, além disso, os textos reunidos em *Psicologia Social Crítica: paralaxes do contemporâneo* fortalecem a produção teórico-metodológica neste campo da Psicologia ao discutir uma série de abordagens e conceitos pertinentes para a realização de pesquisas inseridas neste referencial, e, como ponto que julgamos mais importante, a obra como um todo tem como fio condutor principal o compromisso com questionamentos em prol da emancipação e de mudanças nas estruturas hierárquicas, autoritárias e desiguais da ordem social vigente que vivenciamos.

Antes de finalizarmos esse nosso pequeno texto, ressaltamos que evidentemente esta sumarização procedida não dá conta da riqueza contida em cada um dos capítulos do presente livro comentado, todavia, esperamos que esta resenha consiga despertar o interesse para a obra e para as temáticas que por ela são abordadas.

Sobre o artigo

Recebido: 23/09/2013

Aceito: 16/10/2013

Referências bibliográficas

LIMA, A. F. (Org.). **Psicologia Social Crítica: paralaxes do contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

ŽIŽEK, S. **The parallax view: Karatani's “Transcritique On Kant and Marx”**, 2006. Disponível em: <<http://libcom.org/library/the-parallax-view-karatani-s-transcritique-on-kant-and-marx-zizek>>. Acesso em: 19 set. 2013.

ŽIŽEK, S. **Avisão em paralaxe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.